



A Representação das Jornalistas no Jornal Nacional

MANUELLE MOTTA MARQUES DE LIMA

Universidade Federal de Pelotas
Jornalista pela Universidade Federal de Pelotas.

MICHELE NEGRINI

Universidade Federal de Pelotas
Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Comunicação pela PUC RS. Tem Pós-doutorado na UFBA.

VERNIHU OSWALDO PEREIRA NETO

Universidade Federal de Pelotas
Colaborador do trabalho. Acadêmico de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas.

Resumo

Desde a antiguidade, a desigualdade entre os gêneros vem sendo visualizada. No telejornalismo brasileiro, especificamente no Jornal Nacional, objeto de estudo deste trabalho, a mulher foi ocupar a função de apresentadora somente em 1996, cerca de 30 anos depois do telejornal ter estreado. A partir desse histórico, este trabalho tem como objetivo verificar, através da teoria da representação social, a percepção do telespectador a respeito da apresentadora no noticiário da Rede Globo. Utilizando a técnica de questionário semi-estruturado, aplicado via internet, foi analisada a concepção de 63 pessoas, que expuseram suas opiniões a respeito de diferentes momentos do telejornal e da participação da mulher nele.

Palavras-chave

Mulher, telejornalismo, Jornal Nacional, representação social.

Abstract

Since antiquity, gender inequality has been viewed. In Brazilian television journalism, specifically in the Jornal Nacional, object of study in this research, the woman could hold the position of presenter only in 1996, about 30 years after the television news premiered. From this history background, this work aims to verify, through the theory of social representation, the perception of the viewer about the woman as a newscaster in the Rede Globo news. Using the semi-structured questionnaire technique, applied through the internet, the conception of 63 people was analyzed, who presented their opinions about different moments of the television news and the participation of women in it.

Keywords

Woman, telejornalismo, Jornal Nacional, social representation.

Artigo recebido em 23 de outubro de 2017

Aprovado em 06 de fevereiro de 2018

1. Introdução

A desigualdade entre os gêneros, existente desde a antiguidade, ainda perdura em diversas esferas da sociedade. Alguns fatores disseminados ao longo da história contribuíram para a realidade que, em pleno século XXI, testemunha-se. O discurso filosófico grego que, conforme Colling (2004), excluía as mulheres do mundo do pensamento e do conhecimento; a discriminação feminina, legitimada na sociedade romana através da atribuição de todo o poder ao homem; e o discurso da moral católica, que segundo Tedeschi (2008) associava à mulher o pecado de Eva e as virtudes de Maria, foram determinantes para a construção da imagem que a sociedade ainda atribui ao sexo feminino.

Os meios de comunicação, conforme Baggio (2012), podem ser responsabilizados também pela manutenção dessa representação da mulher na sociedade, mesmo que elas estejam inseridas neles, desenvolvendo diferentes funções. Como repórteres e apresentadoras, elas atuam nos noticiários desde os anos 70. Porém, no Jornal Nacional - telejornal mais antigo da televisão – elas só foram inseridas na bancada cerca de 20 anos depois. Nesse caso, Maia (2007) diz que as participações eram esporádicas, em datas específicas ou aos sábados, substituindo os apresentadores titulares. Somente em 1996, 27 anos depois do JN entrar no ar, é que uma mulher, Lilian Witte Fibe, foi designada como apresentadora fixa, ao lado de William Bonner. Para entendermos melhor o assunto, foi realizada uma pesquisa exploratória, que, segundo Gil (2008), reúne levantamento bibliográfico e documental, entrevistas e estudos de caso. Utilizando a técnica de aplicação de questionário semi-estruturado e embasado nas reflexões sobre representação social e telejornalismo.

2. A mulher na sociedade

Ao longo dos anos, a mulher passou por diversas transições: de espectadora da própria vida à protagonista de suas escolhas, seja como cidadã, profissional, mãe ou simplesmente ser humano. Essas mudanças influenciaram a sociedade e contribuíram, de certa forma, para a construção do mundo em que se vive hoje em dia. Porém, para

conquistar o espaço que detém atualmente, a mulher precisou ultrapassar barreiras impostas desde a antiguidade.

Essa desigualdade entre os gêneros é muito antiga, e remete à cultura grega (COLLING, 2004). Inicialmente, a função da mulher na sociedade grega era quase que, exclusivamente, de reprodução. Após gerar a criança, seu papel terminava, pois, na visão deles, elas não tinham capacidade para transmitir qualquer tipo de conhecimento e esse papel ficava sob-responsabilidade do pai ou do Estado (CORINO, 2006).

No Brasil, durante a colonização, essa distinção não foi só de gênero, mas de raça e origem. De acordo com Burille (2012), as escravas domésticas, geralmente negras ou mestiças, eram obrigadas a enfrentar o espaço público urbano daquela época: pobre, sujo e violento. As brancas, originadas em famílias com posses, eram vigiadas constantemente, deviam ficar nos meios familiares, conventos ou recolhimentos e seu papel era muito claro: reproduzir e transmitir propriedades aos colonizadores. Já as pobres, na grande maioria, iam para seminários ou serviços domésticos e a elas não era permitido sequer sair às ruas, conforme destaca a autora (2012).

[...] eram obrigadas a se esconder sob mantos negros ao saírem para o espaço público. Esses mantos chegaram a ser proibidos em São Paulo, pois as autoridades afirmavam que as mulheres se escondiam para se prostituírem pelas ruas da cidade (BURILLE, 2012, p. 3).

Ao mesmo tempo, a autora (2012) relata que a necessidade de assumir funções que, até então, eram dos homens, fez com que as mulheres da sociedade paulista fossem adquirindo um espaço maior. No entanto, nem isso garantiu a elas direitos iguais aos dos homens.

Mas como a sociedade era de homens nômades, as mulheres brancas passaram a ter papel fundamental na liderança social, de maneira formal ou informal: de negócios, curadoras, administradoras de fazendas, líderes políticas locais, chefes de família e de política, tinham direito de herança, podiam pedir divórcio dentro dos cânones da Igreja, entre outras coisas. Ou seja, tinha papel ativo na sociedade, distante da passividade pregada e instituída pela cultura europeia cristã (BURILLE, 2012, p. 4).

Mesmo com todos os progressos que a mulher já tinha conquistado, certas práticas ainda permaneciam no século XIX, como as que faziam da mulher

‘propriedade’ do homem. Os pais escolhiam o marido para as filhas, que, na maioria das vezes, se casavam ainda muito jovens.

3. A inserção da mulher no mercado de trabalho

Com o início da Revolução Industrial, a migração da mulher para a cidade se consolidou, juntamente com a burguesia. A busca delas pelo reconhecimento profissional e pela independência financeira foi renovada com a expansão das fábricas, porém, Menicucci (1999 apud NOGUEIRA, 2004) explica que o preconceito masculino fazia com que elas fossem recusadas em algumas fábricas e que, a maioria, voltasse ao trabalho doméstico em casas mais afortunadas.

A mudança no comportamento feminino atingiu outros setores da família. Os homens, em sua maioria, relutavam para trabalhar nas fábricas, já que para eles o compromisso com o trabalho fabril os faria perder a independência. Para Hobsbawm (1979, apud NOGUEIRA, 2004), essa postura masculina foi responsável pela contratação em grande parte de mulheres e crianças, consideradas mais dóceis. Essa escolha das fábricas também foi apontada pelo filósofo:

Tornando-se supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria foi a de utilizar o trabalho de mulheres e das crianças. [...] Lançando a máquina todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, reparte ela o valor da força de trabalho do homem adulto pela família inteira (MARX, 1971, p. 449 e 450, apud NOGUEIRA, 2004, p. 10)

Apesar de terem chegado às fábricas por serem a força de trabalho paralela e mais calma ao homem, esse fato fez com que as mulheres começassem a ser aceitas pelo mercado de trabalho.

4. A mulher no telejornalismo

A inserção da mulher no cenário jornalístico de TV foi lenta, mas constante. Nos anos 50, quando o telejornalismo ainda era uma novidade, a TV Tupi já dedicava dois programas a elas: Revista Feminina e No mundo feminino. As atrações, além de falarem

do mundo feminino, eram apresentadas por mulheres, Lolita Rios e Maria de Lourdes Lebert, respectivamente (RIXA, 2000 apud SCOTT, 2013). Seis anos depois, a primeira mulher saiu às ruas para cobrir um acontecimento, mas conforme destaca o autor, a pauta era considerada de menor risco e prestígio.

Ainda entre as pioneiras está Clédia Cardim, segundo pesquisa realizada por Kneipp (2008). A jornalista, que é mais conhecida como Telé, começou na profissão ainda nos anos 60. Em sua trajetória constam jornais impressos, como o Última Hora, onde começou a carreira, e depois as TVs Excelsior, Tupi, SBT e Record. À Kneipp (2008), durante entrevista, Telé contou que se sente orgulhosa em ser uma das primeiras mulheres a aparecer no vídeo. De acordo com seu testemunho, ela saiu para produzir a matéria e resolveu, de última hora, fazer a reportagem. Na apresentação de um telejornal, Vera Rossi foi a pioneira, na década de 60, no Informativo Panair.

Em 1966, Natália Timberg apresentou, ao lado de Hilton Gomes, o Ultra Notícias, veiculado na TV Globo (LOREDO, 2000 apud SCOTT, 2013). Também na mesma década, conforme citado anteriormente, Gilda Muller comandou um quadro, dentro do Jornal de Vanguarda, dedicado às mulheres.

5. As representações sociais

Já inserida no telejornalismo, a mulher ocupa espaços que, até pouco tempo atrás, eram exclusivos dos homens. Para compreender de que forma essa mulher é percebida pelo telespectador do Jornal Nacional e a representação que o público faz dela, os estudos sobre representação social vão dar bases a este trabalho, buscando com isso compreender qual a representação do sexo feminino no telejornalismo e, conseqüentemente, a credibilidade que essas mulheres, ao ocuparem a bancada de um dos principais telejornais do país, passam à população.

De acordo com Sêga (2000), a palavra representação é atribuída à posição que as pessoas ocupam na sociedade. Para ele, toda representação social se refere a alguém ou alguma coisa. “Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas” (SÊGA, 2000, p.129).

Reforçando o conceito de representação social, Araújo (2008, apud Baggio, 2012) destaca que ela é a consciência que se tem da realidade, a reunião de informações que os indivíduos usam para, então, construir sentidos e transformar em conhecimento do senso comum, capazes de explicar sua percepção do mundo e do que nele há. Tal entendimento também é compartilhado por Guareschi (2003, p.70, apud Baggio, 2012, p. 9), ao destacar que “por detrás dessas ações e fundamentando as razões por que as pessoas fazem o que fazem, está uma representação de mundo [...] um sistema de crenças e valores que todos os indivíduos possuem [...]”. Nesse contexto, imagem e significado são inseparáveis. Moscovici (1978), responsável pelo resgate do conceito da teoria da representação social – implantando-a na Psicologia Social – confirma essa tese. De acordo com ele, uma representação social é a organização conjunta de imagem e linguagem:

[...] a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem. É nesse sentido que nos referimos, frequentemente, à representação (imagem) do espaço, da cidade, da mulher, da criança, da ciência, do cientista, e assim por diante (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Além do meio em que o indivíduo está inserido e da história de vida que acumula, os veículos de comunicação são peças fundamentais na construção da representação social.

Os meios de comunicação de massa não são meros veículos de mensagens e conteúdos. Além de veicularem informações aos cidadãos, eles são responsáveis pela construção de sentidos e manutenção das representações em nossa sociedade (BAGGIO, 2012, p. 10).

A junção dos significados já existentes nos indivíduos, originados desde seu nascimento e criação, com os significados produzidos pela mídia influencia o comportamento das pessoas e a forma como elas veem a sociedade.

De acordo com Baggio (2012), o que define isso é a aceitação ou não do receptor em relação às mensagens recebidas dessa mídia que, por sua vez, fabrica, reproduz e dissemina representações sociais que vão fundamentar a compreensão que as pessoas têm delas mesmas e dos outros (ALEXANDRE, 2001, apud BAGGIO, 2012).

O avanço feminino dentro da comunicação pode ser observado nos dias de hoje. Exemplos como Fátima Bernardes e Glória Maria surgem a cada dia. Mas esse processo

foi gradual e lento. Conforme lembra Liidtkke (2012, apud BAGGIO, 2012, p. 16), isso não era comum até 50 anos atrás: “Por séculos e séculos, a imprensa teve bigodes, chapéu, cheiro de cigarro e sapatos pretos. Onde estaria o outro modelo da espécie humana?”.

Em seu livro ‘Jornalista – Profissão Mulher’, Habib (2005) relata a impressão de algumas profissionais de comunicação. Em depoimento à obra de Habib (2005), a jornalista Joyce Ribeiro, atualmente no SBT, acredita que a presença das mulheres na televisão se dá pela qualidade do trabalho e não pela forma diferenciada com que abordam os fatos. Para ela, a representatividade feminina nesse meio é fonte de inspiração para outras mulheres que também enfrentam dificuldades para conquistar espaço na sociedade.

6. Metodologia

Para fins metodológicos deste trabalho realizou-se uma pesquisa exploratória, que “habitualmente envolve levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso” (GIL, 2008, p.27). Para isso, foi utilizado um questionário semiestruturado, que para Minayo (2004, p. 108 apud ROCHA e ARAUJO, 2007, p.2), “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”.

As questões fechadas foram divididas em dois tipos: múltipla escolha e dicotômicas. As de múltipla escolha dão ao entrevistado a opção por uma das alternativas ou por uma quantidade maior, conforme determinado pela questão (CHAGAS, 2000). Entre as vantagens desse método, está a facilidade para responder. Já das desvantagens, a que mais pode impactar a pesquisa é a influência que o respondente pode sofrer de acordo com as questões apresentadas (MATTAR, 1995 apud CHAGAS, 2000).

Foram elaboradas 19 questões, sendo 11 fechadas - dez dicotômicas e uma de múltipla escolha - e oito abertas. Foi definido trabalhar com essa divisão porque se compreende que através de perguntas fechadas a visão do entrevistado fica exposta de forma objetiva, já a justificativa dessas respostas pode ser encontrada nas perguntas

abertas. A única questão de múltipla escolha foi idealizada justamente para observar se há contradição entre as opiniões.

Para compreender melhor a visão da amostra, essa pesquisa foi dividida em quatro eixos:

- *observar se sexo, idade e escolaridade influenciam a representação que as pessoas têm sobre a mulher no telejornal;*
- *verificar se o telespectador considera importante a presença da mulher na apresentação do telejornal;*
- *identificar se os dois apresentadores, na opinião dos espectadores, têm o mesmo destaque dentro do JN;*
- *analisar se o público associa ao gênero algum tema específico;*

Além de analisar as questões acima, busca-se identificar entre as respostas qual a representação que o público constrói da mulher apresentadora na bancada e, a partir dessas informações, responder a pergunta central deste trabalho: ***A mulher tem para o público a mesma credibilidade que o homem apresentando as notícias no Jornal Nacional?***

7. Análise

Conforme citado no item anterior, esse trabalho busca elucidar algumas questões sobre a visão dos entrevistados a respeito da participação das apresentadoras no Jornal Nacional. Objetivando responder tanto os aspectos destacados anteriormente, como compreender qual a representação da mulher no telejornalismo e que influências os telespectadores sofrem ao construírem sua percepção sobre o tema proposto, o questionário abrange diferentes momentos do telejornal e da presença feminina nele. Além disso, conta-se com uma amostra bem diversificada, tanto em idade como em escolaridade.

A faixa etária dos participantes varia de 15 anos a 63 anos. Separando por gênero, as idades são: mulheres, dos 15 anos aos 63 anos; e homens, dos 23 anos aos 52 anos. Em relação à escolaridade, a amostra vai desde o ensino fundamental ao superior completo, passando pelo ensino médio e ensino superior incompleto. Entende-se que analisar um público de diferentes gêneros, níveis de instrução e idade nos proporciona

uma visão mais clara sobre os fatores que podem, ou não, influenciar a percepção do telespectador. A área de atuação foi solicitada com o objetivo de ter uma proximidade maior com o entrevistado, que nesta pesquisa não foi identificado por nome, somente pelo sexo.

Antes de iniciar a análise das questões que embasam essa pesquisa, é importante destacar que, do total da amostra de 63 pessoas, duas não responderam às perguntas abertas, ou seja, o trabalho dispõe de 61 respostas para analisar.

A partir das perguntas específicas sobre o tema, 49 pessoas declararam assistir ao Jornal Nacional, representando 77,8% dos entrevistados. Porém, mesmo os 22,2% que responderam não assistir ao telejornal deram sua impressão sobre as questões abordadas, demonstrando conhecimento sobre a causa e que a pesquisa trata, acima de tudo, da inclusão feminina em segmentos antes dominados pelos homens, como os telejornais.

Das 63 pessoas, cinco não informaram com que frequência assistem ao telejornal. Dos que responderam, a maioria acompanha o JN de 1 a 3 vezes na semana. O dado confirma a queda na audiência descrita anteriormente neste trabalho, já que, entre os entrevistados, somente nove assistem o programa todos os dias, representando 15,5% da amostra. Os que assistem de três a seis vezes na semana somaram 22,4% e têm idade entre 22 e 63 anos. A maioria, sete tem até 30 anos. Cinco possuem ensino superior completo e dois ensino superior incompleto.

Entre os que declararam não assistir o JN, mas que expuseram sua opinião sobre a importância da presença da mulher nesse meio, está o entrevistado 11, do sexo feminino e de 30 anos. Para ela, “as mulheres têm competência para assumir qualquer espaço no mercado de trabalho, mas infelizmente, ainda existe a cultura da desvalorização da profissional. Por esta razão, acho pertinente a presença feminina em um meio de acesso à informação tão popular no país como o JN”.

Da mesma forma, os entrevistados 30 e 38, ambos do sexo feminino, deram sua opinião mesmo sem acompanhar o noticiário. O primeiro, de 55 anos, acredita na importância da representação feminina e identificação com outras mulheres da sociedade, já o segundo, de 26 anos, declarou que: “É importante porque dá posição de autoridade e visibilidade à mulher num mundo patriarcal”. Esse mundo a que o participante se refere foi citado neste trabalho por Colling (2004)). A autora referenciou

a sociedade grega, onde as mulheres eram excluídas do mundo do conhecimento; e a discriminação feminina, legitimada pela sociedade romana, que atribuía aos homens todo poder sobre a mulher, filhos e servos.

A partir do relato de Colling (2004), é possível constatar que a construção da representação feminina na sociedade existe desde os primórdios da história e vem sendo passada de geração em geração, visto que, atualmente, cerca de 15 séculos depois, essa imagem de mundo patriarcal, onde a mulher é dominada e pouco compreendida pelo homem, ainda existe na concepção das pessoas. Isso pode ser observado através do participante 47, do sexo masculino e com 38 anos, que mesmo não assistindo ao noticiário, entende que a presença da apresentadora é importante para gerar empatia com o público que, em sua opinião, é pouco compreendido pelos homens: as mulheres.

O fato da amostra ser relativamente grande, com 63 pessoas, gerou respostas repetidas ou muito semelhantes, mas, ainda assim, algumas se destacam dentro dos eixos em que esta pesquisa foi dividida.

7.1 Sexo, idade e escolaridade influenciam a representação que as pessoas têm sobre a mulher no telejornal?

A visão do ser humano sobre determinado assunto é resultado de diversas questões, como a criação que obteve e o meio que desenvolveu seu intelecto. Analisar as respostas levando em consideração o sexo, a idade e a escolaridade do participante pode revelar se essas particularidades influenciaram a construção da concepção dessas pessoas sobre a representação feminina em um telejornal.

Conforme mencionado anteriormente, Baggio (2012) responsabiliza também os veículos de comunicação pela formação de sentidos e manutenção dessas representações na sociedade.

Em um primeiro momento, observando de forma isolada cada questão, não são identificadas discrepâncias na opinião dos participantes dessa pesquisa. Homens e mulheres, jovens ou mais idosos, demonstram visões semelhantes sobre o assunto. Porém, quando algumas respostas são analisadas em complemento às outras, certas impressões, como a contradição, ficam claras. Diante disso, os fatores gênero, idade e escolaridade vão ser destacados ao longo da análise em conjunto com os outros eixos.

7.2 O telespectador considera importante a presença da mulher na apresentação do jornal?

Dos 61 participantes que responderam essa questão, a maioria, 56, declarou ser importante a participação feminina na apresentação no JN. Diversidade de gêneros, representatividade do sexo feminino em um ambiente antes dominado pelos homens e alternância na apresentação foram as justificativas mais recorrentes.

O entrevistado 12, do sexo masculino e de 24 anos, não vê diferença de abordagem entre os apresentadores, mas em sua justificativa cita uma possível diferença de postura como um fator positivo: “[...] Além disso, às vezes elas podem demonstrar mais habilidade e desenvoltura para temas menos sérios, mas não menos importantes, como os relacionados ao cotidiano”.

A entrevistada 21, de 44 anos, acredita que ter a mulher na bancada do telejornal é importante pelo contexto machista da sociedade. Compartilhando de opinião semelhante está a entrevistada 37, de 49 anos. Para ela, a emissora usa a presença feminina nesse contexto como estratégia de marketing, fugindo de um rótulo machista. De acordo com os estudos feitos neste trabalho, esse preconceito já era comum há cerca de seis décadas. Liidtko (2012, apud BAGGIO, 2012, p. 16) destacou esse fato ao perguntar onde estaria a outra espécie humana, visto que as redações por muitos anos foram compostas somente por homens.

Outra posição interessante de se observar é a da entrevistada 39, de 30 anos. De acordo com ela, a participação da mulher no telejornal “[...] atinge maior público quando o expectador vê naquela mulher uma mãe, esposa, amiga”. Na visão da participante, é possível enxergar uma marca imposta ao sexo feminino ao longo da história, como já ressaltado por Corino (2006), que diz que essa relação mulher/mãe é propagada desde a antiguidade, quando, na sociedade grega, por exemplo, a mulher tinha como única função a reprodução.

Essa representação da mulher ainda é mantida nos dias de hoje, isso porque, conforme fala Baggio (2012), essa realidade é repetida há tanto tempo que se tornou ‘natural’ para as pessoas. Mesmo em 2015, depois de comprovar sua capacidade para atuar na maioria dos segmentos, elas ainda são consideradas como uma força secundária

no mercado de trabalho e, de acordo com Braz (2013), as principais causas são justamente a maternidade e o cuidado com a família.

Entre os cinco participantes que declararam não ser importante a presença feminina na apresentação de um telejornal está o entrevistado 26, de 23 anos. Para ele, isso é indiferente porque competência para a função independe de gênero. Por sua vez, o entrevistado 51, do sexo feminino e de 54 anos, declara que mesmo presente na bancada, a mulher segue tendo um papel inferior para a sociedade. “Por ser um jornal tendencioso, ele não vai deixar de ser machista. A mulher presente é sempre comandada. Suas opiniões são antecipadamente ditadas”. Tal representação da mulher, como um ser inferior, foi constatada anteriormente por Santos (2009, apud BAGGIO, 2012), ao declarar que os meios de comunicação de massa fazem do homem o ator principal de uma organização onde a mulher está em segundo plano.

Para essa participante, o reflexo dessa sociedade, segundo ela ainda machista, pode ser visto em todos os setores. Ela declara isso quando questionada sobre quem tem mais destaque no telejornal, próximo eixo analisado pelo trabalho: “Como em todas as áreas de atuação, o homem é mais valorizado que a mulher”. Tal constatação foi comprovada pelo IBGE, em pesquisa já mencionada. De acordo com o órgão, a valorização da mulher não vem, por exemplo, através da remuneração, já que mesmo desenvolvendo funções iguais ou semelhantes aos homens, elas recebem cerca de 70% do que é pago a eles.

7.3 Os dois apresentadores, na opinião dos espectadores, têm o mesmo destaque dentro do JN?

Ao longo dos 46 anos de história do JN, diversas mulheres já passaram pela bancada como apresentadoras titulares, porém, depois da saída de Cid Moreira e Sérgio Chapelin, William Bonner foi o único representante masculino nessa posição. Essa antiguidade, aliada à função de editor chefe que ele acumula, é citada pela maioria dos 21 participantes como a causa dele ter mais espaço no telejornal.

Entre esses participantes, está a entrevistada 10, de 60 anos. Para ela, que vê maior destaque em Bonner, essa diferença se mostra na postura do apresentador. “Acho que pelo tempo que está no jornal, e pela trajetória na TV, William Bonner acaba tendo

mais destaque. Isso se mostra, muitas vezes, na condução do jornal, na postura dele e nos comentários”.

A entrevistada 14, de 63 anos, também acha que Bonner recebe destaque, mas porque ainda hoje os jornais são considerados programas masculinos. Já o participante 23, de 23 anos, acredita que isso acontece porque ao homem ainda é dado o sinônimo de liderança. Essa concepção, de que a mulher é mero figurante, é percebida, segundo Colling (2004), desde quando os acontecimentos começaram a ser documentados. Por um longo tempo, os homens foram os únicos a registrar os fatos e com isso as mulheres se tornaram coadjuvantes na história.

A entrevistada 31, de 33 anos, vê esse monopólio somente quando Bonner é o representante masculino na bancada. Para ela, quando outros jornalistas ocupam o lugar do titular isso não acontece. O fato dele estar na função há cerca de 20 anos, ser editor chefe do noticiário e constar entre os dez jornalistas mais admirados pelo público, segundo pesquisa realizada em 2014 pelo grupo Jornalistas&CIA, confere a ele, de certa forma, essa autonomia e liberdade identificada pela participante.

Ao mesmo tempo, 40 pessoas declararam que é dado o mesmo espaço aos dois apresentadores. Porém, de acordo com o participante 9, de 30 anos, mesmo dividindo tempos iguais, o homem tem maior destaque. O entrevistado 25, de 27 anos, não vê essa diferença, mas ao justificar sua opinião declara que Bonner recebe ‘vantagem’. Na opinião dele, isso não acontece por ele ser homem, mas pelo tempo em que está no jornal e pelo prestígio que conquistou ao lado de Fátima Bernardes.

A beleza, como atributo feminino, aparece na resposta da entrevistada 57, de 60 anos, que mesmo vendo no apresentador uma imagem mais forte, acredita que o espaço dado aos dois é o mesmo e que as mulheres têm conquistado mais oportunidades no meio: “[...] com certeza a mulher tem tido um espaço grande e mostrado toda sua capacidade, beleza...”.

Em seu estudo, Baggio (2012) atribui à maioria dos meios de comunicação essa representação da mulher como um ser que se destaca, principalmente, pela aparência. Para a autora, mesmo que este fator seja considerado, em alguns casos, mais importante que a competência, o jornalismo é um segmento que vem se diferenciando e as mulheres se destacando pela repercussão do seu trabalho.

8. Considerações Finais

Pensando sob a perspectiva da igualdade de gêneros, seria desnecessário pesquisar o tema proposto por este trabalho, visto que a presença feminina à frente de um telejornal é tão natural quanto à masculina, porém, conforme já visto no decorrer do estudo, as mulheres ainda sofrem determinados preconceitos, mesmo que os movimentos a favor delas estejam cada dia mais em evidência.

Essa discriminação, que pode ser vista em diversos segmentos, é resultado da imagem construída pela sociedade acerca da mulher, nos primórdios da história, e reproduzida ao longo do tempo. Colling (2004) afirma que foi a partir do registro dos acontecimentos, que por um longo tempo foi feito somente pelos homens, que os sexos adquiriram valores diferentes perante a sociedade, já que nesses relatos a mulher era apresentada como um personagem secundário.

A partir dessa realidade, essa pesquisa, que teve como tema a credibilidade das mulheres na apresentação do Jornal Nacional, analisou de que forma o público concebe a participação feminina nesse contexto, levando em consideração a teoria da representação social. Submetida a um questionário semi-estruturado, a amostra de 63 pessoas respondeu a 19 questões elaboradas a partir de quatro eixos pré-estabelecidos.

Em relação à hipótese de que sexo, idade e escolaridade influenciam a representação da mulher à frente de um telejornal, ficou evidente, a partir das respostas coletadas no questionário, que esses três fatores não são determinantes na percepção das pessoas sobre o assunto. A ideia de que pessoas mais jovens e com nível de instrução mais alto teriam um senso crítico mais apurado para o preconceito foi descartada.

Sobre a importância, ou não, da participação da mulher na apresentação do telejornal, a amostra se declarou favorável, como foi apresentado. Cerca de 91% dos participantes consideraram importante a presença feminina na bancada do JN e a justificativa mais recorrente foi a de que, desta forma, a mulher está representada em um veículo de visibilidade e influência, antes dominado pelos homens.

Porém, mesmo entre os que tiveram esse posicionamento, é possível identificar, em determinados momentos, que a competência da mulher não é significativa nesse contexto, mas características como desenvoltura e facilidade para abordar assuntos mais

leves. Nesta questão, ficou evidente também uma das representações femininas mais marcantes: a do papel de mãe.

De acordo com a entrevistada 39, de 30 anos, por exemplo, a presença da mulher na bancada é mais efetiva porque o público vê nela uma mãe, esposa, amiga. A partir do posicionamento da amostra é possível afirmar que, mesmo reconhecendo a importância da mulher em todos os segmentos, as pessoas ainda relacionam o sexo feminino a uma imagem construída em um período onde a instituição familiar era baseada na liderança masculina.

Diante do panorama analisado, conclui-se que o telespectador, em geral, não dá à mulher credibilidade total como mediadora das notícias, já que sempre há um porém por parte desse público quando observa a postura da apresentadora, seja por estar há pouco tempo na bancada, não ter uma trajetória de destaque na profissão, não ser a mais apropriada para tratar de determinado assunto ou, ainda, demonstrar emoções quando, na verdade, deveria ser isenta e neutra em sua função.

Essa visão da sociedade vai ao encontro da teoria usada nesta pesquisa, da representação social, que fala da forma como as pessoas atribuem sentido a algo. De acordo com os autores utilizados neste trabalho, a reunião de informações que o indivíduo acumula ao longo de sua história é responsável pela construção da imagem que ele tem da realidade e, a partir disso, ele reage e fundamenta suas ações diante da vida.

Referências Bibliográficas

BAGGIO, Luana Maia. Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes. 2012. 68f.

Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2012.

BURILLE, Celma Faria De Souza. Trajetória da mulher na história do Brasil: submissas ou ardilosas? In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. 2012, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro, 2012, pp. 1-13.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica.

Administração On Line, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./fev./mar. 2000.

- COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.
- CORINO, Luis Carlos Pinto. **Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades**. Rio Grande: 2006. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/249/63>>. Acesso em 15 out. 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 220 p.
- HABIB, Lia. **Jornalista: profissão mulher**. ed. 1. São Paulo: Sapienza, 2005.
- KNEIP, Valquíria Aparecida Passos. Trajetória da Formação do Telejornalista Brasileiro – as implicações do modelo americano. 2008. 245f. **Tese (Doutorado)** - Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pósgraduação em Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MAIA, Wander Veroni. Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record: Uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede. 2007. 88f. **Monografia** apresentada como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, do Departamento de Ciência da Comunicação - DCC, do Centro Universitário de Belo Horizonte, 2007.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. São Paulo: Autores Associados, 2004.
- ROCHA, Maria Meriane Vieira; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Competência Informacional e Atuação do Profissional da Informação – Bibliotecário. In: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, ed. 8, 2007, Salvador. **Anais Eletrônicos...** Salvador, UFP, 2007.
- SCOTT, Gabriella Padilha. Mulher, corpo e credibilidade: um estudo cartográfico sobre as apresentadoras dos principais telejornais do país. 2013. 89f. **Trabalho de conclusão de curso** da Faculdade de Biblioteconomia e comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscoviti. Revista Anos 90: **Periódico Semestral do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n.13, p. 128-133, 2000.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **A história das mulheres e a representação do feminino.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.